

## Sexualidade e deficiência intelectual: concepções, vivências e o papel da educação

*Camila Mugnai Vieira\**

*Marili André Coelho\*\**

### **Resumo**

A presente pesquisa buscou compreender as concepções e vivências de sexualidade de jovens com deficiência intelectual por meio de entrevistas individuais com 13 jovens de uma instituição especializada de uma cidade do interior paulista. As entrevistas englobaram conhecimentos prévios e concepções sobre a temática, acesso à educação sexual, relacionamentos afetivos, autoimagem, prazer, etc. Os jovens entrevistados sentiam-se pouco informados sobre a temática da sexualidade e apresentaram vivências de relacionamentos que indicam vulnerabilidade e exposição a situações de riscos tanto no âmbito biológico quanto psicossocial, o que evidencia a necessidade de intervenções sobre o tema e ampliação de ações no âmbito da Educação Sexual.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Deficiência Intelectual. Sexualidade. Educação Sexual.

\* Docente e Chefe da Disciplina de Psicologia da Faculdade de Medicina de Marília (Famema), Doutora em Educação pela Unesp, Campus Marília/SP. email: camilamugnai@gmail.com.

\*\* Médica, formada pela Famema, residente da Pediatria no Hospital das Clínicas da USP/Ribeirão Preto, marilicoelho.med@gmail.com.

## Sexuality and intellectual disabilities: concepts, experiences and the role of education

### *Abstract*

This research sought to understand the views and experiences of sexuality in young people with intellectual disabilities through individual interviews with 13 young people in a specialized institution of a city in São Paulo. The interviews included knowledge and previous conceptions about the issue, access to sex education, affective relationships, self-image, pleasure, etc. The young people interviewed felt poorly informed on the subject of sexuality and relationship experiences showed that indicate vulnerability and exposure to risk situations in both the biological and psychosocial, which highlights the need for interventions on the subject and expansion of shares under the Sexual Education.

**Keywords:** Special Education. Intellectual disability. Sexuality. Sexual Education.

## Sexualidad y discapacidad intelectual: concepciones, experiencias y el papel de la educación

### *Resumen*

Esta investigación buscó comprender las concepciones y experiencias de la sexualidad de los jóvenes con discapacidad intelectual a través de entrevistas individuales con 13 jóvenes de una institución especializada de una ciudad en el Estado de São Paulo. Las entrevistas abarcaron los conocimientos previos y las concepciones sobre el tema, el acceso a la educación sexual, las relaciones afectivas, la autoimagen, el placer, etc. Los jóvenes encuestados se sentían mal informados sobre el tema de la sexualidad y presentaron experiencias de relación que indican vulnerabilidad y exposición a situaciones de riesgo tanto de contexto biológico como psicosocial, destacando la necesidad de intervenciones sobre el tema y la expansión de acciones en el contexto de la Educación Sexual.

**Palabras clave:** Educación Especial. Discapacidad intelectual. Sexualidad. Educación Sexual.

## Introdução

A sexualidade é parte integrante do homem, estando relacionada com a formação de sua personalidade, sendo vivenciada nos seus relacionamentos e trazendo consigo diversas outras temáticas importantes, como a prevenção de doenças, a construção da autoimagem e afetividade. Em pessoas com deficiência intelectual esse tema é fundamental, pois sua negligência pode gerar preconceitos, aumentar os riscos de adquirirem doenças sexualmente transmissíveis, desenvolverem baixa autoestima e apresentarem dificuldades em seus relacionamentos. Para compreender as necessidades dessas pessoas, é imprescindível ouvir as suas demandas quanto ao tema.

A despeito das mudanças na legislação, no discurso e na prática de profissionais da saúde e da educação, da ampliação de movimentos sociais e de iniciativas da mídia no sentido de promover a inclusão social das pessoas com deficiência intelectual, estes sujeitos ainda fazem parte de um grupo bastante estigmatizado.

Ao estereotiparmos os indivíduos com deficiência como pessoas que apresentam desenvolvimento biopsicossocial deficitário, ausência de consciência de sua patologia e alienação social, desconsideramos a autopercepção e visão de mundo que esses apresentam. Além disso, interferimos na autopercepção desses indivíduos, que, muitas vezes, apresentam uma visão estigmatizada de si próprios (NUNES et al., 1998).

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) é uma instituição que se caracteriza por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral às pessoas com deficiências (APAE BRASIL, 2011). Diante da educação inclusiva, algumas pessoas frequentam a APAE simultaneamente às escolas regulares. Mas ainda hoje alguns indivíduos, especialmente jovens e adultos, frequentam apenas a APAE.

Além de considerarmos as limitações das pessoas com deficiência intelectual, impostas por aspectos biológicos, devemos estar atentos às oportunidades de desenvolvimento as quais essas pessoas têm acesso ao longo da vida e às relações que são estabelecidas em seu

contexto social, pois estas terão forte influência em seu desenvolvimento. Também é essencial que as pessoas com deficiência intelectual sejam consideradas ativas na construção de sua subjetividade e em suas relações com o mundo. Para tanto, é fundamental que sejam ouvidas em suas necessidades, possam expressar suas idéias e seus sentimentos.

Considerando o desenvolvimento humano de forma integral, a temática da sexualidade não pode ser negligenciada. O sexo é expresso biologicamente e definido por um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), enquanto que a sexualidade é entendida de forma mais ampla, englobando a expressão cultural (SILVA et al. 2004).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a sexualidade é parte integrante da personalidade humana, uma necessidade básica que não pode ser separada dos outros aspectos da vida, não se limita à genitalidade e orgasmo, é a energia que motiva o contato e a intimidade entre os sujeitos e se expressa no toque e nos sentimentos, influenciando pensamentos, ações, interações e a saúde física e mental. A saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico (OMS, 1975, apud EGYPTO, 2003, p.15).

Nesse sentido, a educação sexual se faz muito importante e, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), deveria ser tema transversal do currículo escolar (BRASIL, 1998). Deve-se atentar para não abordar a sexualidade de maneira insuficiente e simplista, levando a sua conceituação errônea de sinônimo de coito. Segundo Silva et al., (2004), é essencial a exposição de temas de acordo com o interesse do público jovem e não exclusivamente de conteúdos valorizados pelo educador.

Segundo Foucault (1985), até o século XVIII, as práticas sexuais eram mais livres de repressão e disfarces, o homem utilizava suas sensações e prazeres mais naturalmente. É nos meados do século XVIII que as concepções mudaram, surgiram restrições da sexualidade a lugares e momentos determinados, o sexo passa a ser ligado ao casamento e à procriação. São criados mecanismos cada vez mais poderosos de repressão e o controle comporta-

mental dos seres humanos passa a ser facilitado pela valorização da família, com a figura patriarcal, constroem-se a privacidade, as censuras. As crianças são afastadas de questões afetivas. A dessexualização das crianças e jovens também apresenta vantagens ao controle social, pois cria sua docilidade e maleabilidade como educandos (BERNARDI, 1985).

No século XIX, a medicina dedica-se ao estudo do sexo, enfocando a classificação de anomalias e aberrações, contribuindo para repressão, utilizando o termo “desvio” ou “doença” ao invés de “pecado”, dando continuidade as conotações de sexualidade ligada à “vergonha”, “perigo”, “culpa”. Assim, o sexo devia voltar-se para sua função reprodutiva, na forma heterossexual e adulta, voltada a legitimação do matrimônio (FIGUEIRÓ, 1996). A repressão alastrou-se pelo século XIX e influenciou ainda o século XX, mesmo com a luta pela “libertação sexual”.

A partir dos conceitos apresentados, percebe-se que a sexualidade engloba aspectos individuais e coletivos, refere-se à corporeidade dos sujeitos, seu corpo propriamente dito, suas sensações e afetividade, mas também às relações sociais que estabelecem com meio, influenciadas pelo momento histórico e pela cultura, sendo ambos perpassados por vivência educacionais.

Frente à sexualidade, costumam existir duas posturas básicas, de acordo com López e Fuertes (1999): “a atitude conservadora”- modelo que valoriza a vertente reprodutiva - e “a atitude liberal”- que não se circunscreve a reprodução.

Quando se trata da sexualidade em deficientes intelectuais, toda conjuntura se torna ainda mais complexa em decorrência do estereótipo popular de serem agressivos e “sem censura” (GIAMI; D’ALONNES, 1984).

Gale (1989) aponta as barreiras que podem limitar a vivência da sexualidade do deficiente intelectual, sendo estas de 3 naturezas: físicas, psicológicas e sociais.

Nesse sentido, temos que reconhecer a importância de entender que os deficientes intelectuais não são excepcionais nos seus impulsos sexuais (LIPP, 1986). Eles tam-

bém apresentam sentimentos de culpa, fantasias, desejo de se expressar e tabus.

Considerando a importância da sexualidade para a formação da personalidade e da autoimagem de todos os sujeitos, podemos compreender a mesma necessidade em indivíduos com deficiência intelectual. O que eles desejam e precisam é construir sua identidade adulta, mas diante da perspectiva limitada de terem acesso ao mundo dos adultos, as pessoas com deficiência intelectual se convertem na própria evidência de uma proibição de crescer, da qual somos cúmplices, permanecendo retidos em uma infância eterna (MONTORBIO, 2004). Para que o amadurecimento ocorra, as pessoas com deficiência intelectual necessitam ser ouvidas e criar formas concretas de apoio para desenvolverem sua sexualidade em plenitude.

A presente pesquisa teve como objetivos compreender as concepções e as vivências de sexualidade de jovens com deficiência intelectual e investigar o acesso a informações destes sobre tema, para posteriormente planejar intervenções em suas necessidades de saúde e educação.

### **Método**

A presente pesquisa tratou-se de um estudo descritivo, pois foi realizada a investigação das concepções e vivências de sexualidade de jovens, com o intuito de clarear o fenômeno em estudo, melhor descrevê-lo e compreendê-lo, sem a realização de uma intervenção em um primeiro momento. A análise e a discussão dos dados foram realizadas a partir de uma abordagem qualitativa, nas quais das idéias centrais do conteúdo do discurso dos sujeitos foram apreendidos sentidos e realizadas interpretações, que permitiram compreender qualitativamente o fenômeno em questão.

Participaram da pesquisa 13 jovens e adultos com deficiência intelectual leve ou moderada, com idades entre vinte e um e quarenta e três anos, sendo 9 de gênero feminino e 4 do masculino, todos frequentadores da APAE de uma cidade do interior paulista.

A pesquisa foi realizada na própria instituição, em local privativo. Foi utilizado um roteiro semiestruturado para

entrevistas individuais, elaborado pela pesquisadora, sendo composto por sete sessões: identificação, hábitos de vida, autoimagem, relacionamentos afetivos e sexuais, conceito de sexualidade e acesso a informações, projetos de vida e dúvidas e interesses.

Foram desenvolvidas 3 etapas:

1. Etapa preliminar: procedimentos éticos; contato com a APAE, reunião com os alunos e seus responsáveis para apresentação do projeto de pesquisa; estudo preliminar do roteiro;
2. Coleta de dados: foram realizadas entrevistas individuais com a duração média de uma hora, sendo todas gravadas;
3. Análise dos Resultados: As entrevistas foram transcritas na íntegra, lidas repetidas vezes e os dados organizados em categorias, a partir da análise temática (BARDIN, 2009). Realizou-se a pré-análise, que consistiu na sistematização e organização dos dados coletados. Em seguida, foi feita a exploração do material, momento no qual foram identificados os temas que emergiram das entrevistas para serem, posteriormente, categorizados. Finalmente, os dados organizados em categorias foram analisados, interpretados, visando o entendimento da questão em estudo e sua discussão (BARDIN, 2009).

## Resultados

Os resultados foram organizados em dois blocos temáticos subdivididos em itens correspondentes às questões do roteiro, sendo A. Concepções de sexualidade e acesso a informações e B. Vivências de sexualidade.

### Concepções de sexualidade e acesso a informações

#### A1. Conceito de sexualidade:

As respostas encontradas sugeriram 3 categorias. A categoria 'sem resposta', que representou mais da metade dos entrevistados (7), refere-se tanto àqueles que não

souberam dar uma resposta à questão quanto àqueles que disseram que não gostariam de responder. A categoria 'relação entre homem e mulher' indica respostas que relacionam sexualidade à relação erótica ou afetiva heterossexual (4). Alguns falaram sobre relações sexuais, outros sobre amor. A categoria 'saúde' refere-se ao entendimento da sexualidade como parte da esfera biológica, sendo indicados pelos entrevistados aspectos de prevenção de doenças e cuidados com higiene (2). Os relatos a seguir ilustram estas concepções:

Sexo é cuidar da saúde, usar camisinha pra não ficar grávida, não pegar doença, nem AIDS. (Luísa, 26 a)<sup>1</sup>

Eu acho que sexualidade é o sexo que o homem tem com a mulher (Celina, 21a)

A sexualidade é o jeito que a pessoa tem de demonstrar o que ela quer fazer com outra pessoa, acho que a sexualidade só é bom com a pessoa que a gente ama, quando não é, a gente não se sente nada bem (Júlia, 24a)

#### A2. Acesso à informação:

Mais da metade dos jovens (7) não se sente bem informada sobre o assunto e alguns indicam dúvidas sobre estarem ou não tendo acesso a informações (2). Apenas 4 disseram sentirem-se bem informados. O relato abaixo exemplifica a dúvida quanto ao acesso efetivo a informações:

Bem de vez em quando, aqui na escola, quando dá uma orientação (Susi, 24 anos)

#### A3. Fontes de informação:

Os entrevistados indicaram uma diversidade de possibilidades, sendo mais de uma fonte indicada por um mesmo sujeito. A família e os amigos, sendo citados entre estes pais, irmãos, tios, primos, cunhados, sogras e colegas, foram a maior fonte de informação citada (9). Com relação à escola, foram citados professores e profissionais (5), quase o mesmo número de vezes que a televisão (4).

Como se pode observar, a família e os amigos, sendo citados entre estes pais, irmãos, tios, primos, cunha-

dos, sogras e colegas, foram a maior fonte de informação citada. Com relação à escola, foram citados professores e profissionais, quase o mesmo número de vezes que a televisão, no caso, muito menos que a família. Os relatos abaixo exemplificam as fontes de informação citadas:

Ninguém me ensina, eu vejo na televisão (Paola, 29 a)

Na escola, só na aula de anatomia (Celina, 21a)

#### A4. Conteúdo das informações:

Dentre os entrevistados que disseram ter recebido informações sobre a temática da sexualidade foi questionado o conteúdo recordado das mesmas. A maioria dos sujeitos (7) recordou-se de informações relacionadas à proibição do sexo, recriminação da vivência de sua sexualidade ou conselhos para que evitassem esse aspecto em suas vidas. Outras informações foram mais diretas, no sentido de que lhes foi dito para não terem relações sexuais, principalmente pelo risco de gravidez, sendo essa resposta dada por 3 jovens do sexo feminino. Outro tipo de informação recordada refere-se a orientações em saúde (3), no caso, relacionadas ao uso de preservativo para 2 rapazes e a explicações sobre menstruação para uma mulher. A afetividade parece estar relacionada às informações recordadas apenas por 3 sujeitos, sendo 2 ligadas a tentativas de discutir o sexo no contexto do amor ou do casamento e 1 fala trazendo aspectos do prazer na relação sexual. O discurso dos jovens ilustra as informações internalizadas:

Ela dá muito conselho. Ela diz: ó filha: os homens de hoje são tudo sem vergonha, sabe que não presta, tudo assim ó. Minha mãe me dá conselho, me dá conselho de amiga pra não arrumar barriga e depois ficar cuidando de criança (Luísa, 26)

Não faz isso não! Não fica olhando essas novelas... dorme! Fui fazer cachecol... daí passa (Vivian, 35 a)

#### A5. Dúvidas e interesses:

Quando questionados sobre suas dúvidas e interesses no assunto, mais da metade dos entrevistados (7) não soube responder. Dentre os que responderam, observou-se uma diversidade de interesses, que incluíram temáticas como: concepção e contracepção, prevenção de doenças, relacionamentos afetivos e familiares e outras curiosidades, relacionadas a possíveis causas para a falta de libido, por exemplo. Os relatos abaixo ilustram essas falas:

Falar mais sobre relações sexuais com os pais... as partes de hormônio, relação sexual, pra gente aprender" (Júlia, 24 a)

De amar e ser amado... como que pega AIDS... de sexualidade, de casamento. Isso ia ajudar! (Felipe, 31 a)

Queria saber mesmo como os nenês nascem (Ivone, 43 a)

#### Vivências de sexualidade:

##### B1. Puberdade:

Dentre os que indicaram terem vivenciado sua puberdade com informações e apoio (3 jovens), tivemos respostas que revelaram a naturalidade com que estes passaram pelas experiências de transformações em seus corpos e comportamentos, características desta fase.

Mais da metade dos sujeitos (7) relatam não terem sido informados sobre a puberdade e outros 3 não se lembram, o que indica que mesmo que tenham recebido alguma informação, ela não foi muito significativa a eles. O discurso dos participantes revela momentos de insegurança, dúvidas e vergonha diante das mudanças inesperadas:

"Lembro quando eu era criança, ninguém me orientou no caso; (...) eu não comentei com a minha mãe, aí foi uma luta pra poder comprar absorvente, porque eu tava chorando, não contei pra ninguém porque eu ia passar vergonha;

(...) quando minha mãe viu a calcinha suja, daí ela explicou que eu tava virando mocinha já, aí eu fiquei com vergonha porque ela contou pras minhas amigas (Maria, 28 anos)

### B2. Namoros:

A maioria dos jovens (8) relatou já ter vivenciado experiências que denominaram de 'namoro'. Dentre estes, mais da metade relatou experiências negativas em seus relacionamentos, sendo a não aceitação familiar a queixa mais freqüente. Além disso, dado muito preocupante foi o relato de histórias de possíveis abusos sexuais, vivenciados por 3 jovens, com descrição de situações repletas de muito sofrimento, vergonha, culpa e difícil superação.

Das vivências dos jovens que referiram namoro sem intercorrências, as principais atividades relatadas foram: passear, beijar (selinho), ficar próximo ao parceiro (com fiscalização familiar), trocar afetos variados. Sentimentos de pudor foram associados aos relacionamentos com frequência. As falas apontam estas experiências:

Minha família não sabe que eu namoro ele, porque a família não apóia, dizendo que eu vou sofrer... Só que eu gosto tanto dele que eu não consigo ficar longe dele. Eu beijei pela primeira vez e o coração acelerou. Eu tenho medo de perder ele (Susi, 24 anos)

Eu sou ruim de paquerar, não tive namorado e não beijei na boca, já beijei na bochecha do meu amigo (Ana, 30 anos)

### B3. Relações sexuais:

Oito jovens referiram nunca tê-la vivido, alguns referindo estar esperando a "hora certa", outros queixando a falta de oportunidade e outros ainda relatando proibições apresentadas por seus responsáveis, como por exemplo, uma jovem cuja mãe dissera que ela não poderia ter relações porque ela tinha 'alergia à pegada'. A jovem relata quando interrogada sobre as relações com seu namorado: "O problema sou eu, quando acabar a alergia (à pegada), talvez a gente já comece" (Maria, 28 anos)

Dos cinco jovens que já haviam tido relações sexuais, 2 homens as tinham apenas com prostitutas, 2 mulheres apenas em contexto de abuso sexual, uma pelo marido e outra por seu avô materno, ambas no passado, e uma jovem relata que no passado mantinha relações com vários homens, sem uso de métodos contraceptivos e/ou de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e às escondidas de sua família, além de ter sido abusada por um namorado no passado.

### B4. Contraceptivos:

Apenas 2 jovens rapazes referiram fazer uso de métodos preventivos (camisinha) e apenas uma jovem relatou uso de método contraceptivo (injeção hormonal). Apesar de não se prevenirem, todos negaram doenças sexualmente transmissíveis prévias ou atuais.

(...) eu to tomando injeção (Maria, 28 anos)

### B5. Masturbação:

Quando questionados sobre o significado de masturbação, apenas 7 jovens sabiam defini-la e destes, 5 disseram praticá-la em espaços privados, como na hora do banho, em seu quarto, com o uso de filmes ou na presença de parceiro sexual. Entre os que negaram a prática da masturbação, 2 jovens referiam-se a prática como "sem-vergonhice de homem".

## Discussão

Os sujeitos entrevistados tiveram certa dificuldade para expressarem suas concepções sobre sexualidade, não por incompreensão da questão, mas possivelmente pela complexidade da temática.

Aqueles que conseguiram expressar o que entendem por sexualidade indicaram as diferenças anatômicas entre homens e mulheres e o conceito da relação heterossexual, sendo que apenas 1 jovem apontou a questão da afetividade. A restrição da sexualidade à esfera biológica também é evidenciada por aqueles que relacionam o conceito de sexualidade à saúde. No entanto, é impor-



tante que se amplie o olhar sobre a sexualidade para além do ato sexual (SILVA et al., 2004).

Conforme os resultados apresentados, mais da metade dos sujeitos não se sentem bem informados sobre a temática da sexualidade e alguns apontam dúvidas sobre estarem ou não tendo acesso a informações, o que indica que mesmo que estes jovens e adultos estejam em contato com a temática, a forma como está ocorrendo este contato não é significativa para os mesmos. Os resultados reforçam a necessidade de ampliação do acesso à informação para essa população.

Entre as implicações da falta de informação sobre sexualidade podemos ter maior insegurança e baixa autoestima ou mesmo o isolamento de relações afetivas (PINEL, 1993). Além disso, aumentam-se os riscos e a vulnerabilidade desta população a adquirirem doenças sexualmente transmissíveis, terem uma gravidez não planejada e até sofrerem exploração sexual (GHERPELLI, 1995; MAIA, 2001; PINEL, 1993).

O fato de a família ter sido a fonte de informação mais citada ressalta a importância de trabalhos com a mesma. Estudos da área indicam as dificuldades encontradas nessa esfera sobre o tema (GIAMI; D'ALLONES, 1984; GLAT, 1989). Como apontam Giami e D'Allones (1984), os pais costumam visualizar seus filhos com deficiência intelectual como assexuados, extremamente infantilizados.

Os pais e cuidadores ainda hoje costumam evitar essa temática, ou mesmo negar a expressão da sexualidade de seus filhos. Alguns familiares apenas se manifestam diante de acontecimentos concretos inevitáveis, como a menarca de suas filhas, mesmo assim tratando da questão apenas com superficialidade e encaminhando a condutas práticas, como a compra do absorvente. As implicações destes fatos para a vida dos jovens não é sequer considerada, não só são privados de explicações, no âmbito biológico mesmo, sobre o desenvolvimento de seu corpo e sistema reprodutor, como também são privados de espaços de reflexões ou de uma escuta acolhedora aos seus afetos diante de tantas transformações e incertezas. Esta negligência pode comprometer in-

clusive aspectos do desenvolvimento da personalidade destes jovens, pois como nos aponta Waideman (2003), os impulsos sexuais, bem como sua organização através do ego são essenciais para formação da personalidade do adolescente.

Um dado que chama a atenção é o fato de a escola ser apontada quase o mesmo número de vezes que a televisão. Os dados indicam que a APAE investigada tem tido dificuldades em lidar com a temática da educação sexual, ou não tem realizado a abordagem do assunto ou a forma como tem realizado precisa ser revista para que atinja de fato os alunos.

Os dados também ressaltam o papel da mídia na vida destes sujeitos, o que nos leva a refletir sobre o conteúdo das informações veiculadas na televisão, internet e outros meios de comunicação. Precisamos questionar se estes conteúdos veiculados de fato levam a construção de conhecimentos e reflexões que vêm a favorecer vivências de sexualidade mais saudáveis a estes jovens e se estas informações estão realmente disponíveis a todos, no que tange a limitações impostas por deficiências sensoriais, déficits cognitivos ou mesmo à escolaridade. Cabe à família e à escola a seleção do material ao qual os jovens têm acesso e um debate cotidiano sobre os mesmos.

A maioria dos entrevistados recordou-se de informações relacionadas à proibição do sexo, recriminação da vivência de sua sexualidade ou conselhos para que evitassem esse aspecto em suas vidas, mesmo alguns já tendo mais de 25 anos. Quanto a orientações em saúde recordadas, elas restringiram-se ao uso de preservativos e explicações sobre menstruação.

Novamente, surge a concepção da sexualidade restrita ao ato sexual, e no caso, ligada a doenças sexualmente transmissíveis ou ao risco de gravidez. Na fala dos entrevistados sobre o conteúdo de informações recordado temos o que López e Fuertes (1999) denominaram de uma 'atitude conservadora' por parte das fontes de informação, em um modelo que valoriza a vertente reprodutiva, os aspectos biológicos do sexo. Mais do que isso, percebemos fortemente na fala dos jovens a cono-



tação negativa sobre o sexo que se pretende transmitir a eles, como algo proibido, feio, errado, que traz riscos inúmeros, de doenças ou de uma gravidez não desejada. Ficou claro na fala dos entrevistados a tentativa de canalização de sua sexualidade, no sentido apontado por Glat (1989) de negar sua existência, incentivando atividades consideradas não-sexuais, como trabalhos manuais ou mesmo dormir para que esqueçam o que estão pensando e sentindo.

A ligação entre afetividade e sexualidade parece bastante limitada. A sexualidade restringe-se ao ato sexual e à dimensão biológica. Quando a afetividade é abordada, ela está ligada a tentativas de discutir o sexo no contexto do amor ou mesmo do casamento, o que parece ser uma tentativa de infantilização do desejo destes jovens, como aponta Giami e D'Allones (1984): para não abordar aspectos das relações sexuais, da libido e do contato físico, busca-se falar do casamento ou da necessidade de vínculo e compromisso para que se vivencie a sexualidade. Apenas 1 jovem traz aspectos do prazer na relação sexual, sendo ele do sexo masculino e sua fonte de informações seus amigos.

A dificuldade da maioria dos entrevistados em expressarem suas dúvidas e interesses relacionados à temática indica que mesmo em um contexto onde o assunto da sexualidade surge abertamente, ele ainda é tabu entre esses jovens. As hipóteses que são levantadas relacionam-se a pouca experiência sobre o tema, seja em vivências cotidianas seja no próprio âmbito da reflexão e do debate. Assim, quando solicitados a pensarem em seus interesses, eles não sabem sequer responder, seja por não terem mesmo noção dos mesmos, seja ainda por uma dificuldade em expressá-los.

Dentre aqueles que expressaram seus interesses e dúvidas, encontramos respostas que indicam a ampla necessidade de debate sobre o tema. Os entrevistados solicitaram orientações sobre concepção e contracepção, doenças sexualmente transmissíveis, ajuda para abordar o tema com seus familiares, para melhorarem seus relacionamentos e namoros e expressaram desejos e dúvidas pessoais, como uma jovem que revelou seu sonho de ser mãe ou uma mulher, que a despeito

de ter mais de quarenta anos, refere desconhecimento sobre reprodução humana.

Os jovens entrevistados relataram experiências de relacionamentos com pessoas do sexo oposto, que envolveram afetos, angústias, expectativas e frustrações variadas, vivenciadas por grande parte dos jovens ou adultos sem deficiência, seja na fase de início de relações mais íntimas, seja após muitas experiências, que ainda geram sentimentos diversos e intensos. Assim, a fala destes jovens revela que sua sexualidade não se difere muito da dos demais, o que está de acordo com os estudos de Lipp (1986).

A repressão familiar aparece como aspecto importante do contexto destes relacionamentos. Na forma de proibições explícitas ou por meio do uso de metáforas que visam gerar medo e culpa nestes jovens, os familiares em grande parte tem efetivado novamente a negação de sua sexualidade e buscado excessivo controle destes jovens. Possivelmente a angústia da família decorre de suas concepções de que o deficiente intelectual não tem condições de ser responsável e autônomo a ponto de vivenciar sua sexualidade. Assim, em uma tentativa de protegê-los, buscam estratégias de evitar que tenham relacionamentos mais íntimos, como os “namoros”. Os jovens relatam que seus familiares não permitem os namoros, fiscalizam todos os momentos dos casais, tentam desiludi-los, dizendo que o amor acontece apenas em contos de fadas, ou ainda, incitar o medo, relacionando inclusive a doenças e problemas inerentes ao indivíduo, como a mãe que avisa a filha sobre sua “alergia à pegada”, cuja cura é esperada com ansiedade e esperança pela jovem. A postura dos pais representa aquelas definidas por autores como Bernardi (1985) e Foucault (1985), são repressoras, com o objetivo de controle do outro.

Nessa trajetória de negação e repressão os familiares acabam por equivocar-se demasiadamente, pois estes jovens vivenciam desejos e sentimentos como todos os seres humanos e vão à busca destas relações, como demonstram os entrevistados, que em sua maioria já “namorou” e em um número menor, já teve relações sexuais. Contrariamente às preocupações de proteção que os pais apresentam, com essa postura de negação e/ou

proibição, estes acabam por colocar os jovens em uma condição de muito risco e vulnerabilidade, pois privados de uma educação sexual adequada e de um espaço de expressão de sua afetividade e dúvidas junto aos familiares, acabam por expor-se a inúmeras situações de riscos, nas buscas por experiências afetivas e/ou sexuais, na maioria das vezes, às escondidas de seus familiares. Vemos esse risco sugerido no relato de 4 jovens, que referem ser vítimas de abusos sexuais, 3 por parceiros e 1 por um familiar, sendo que todas demoraram ou nunca revelaram o ocorrido a ninguém e quando o fizeram, não tiveram o apoio esperado.

Este risco também aparece na fala de outros, que mantêm relações sem qualquer proteção ou métodos de contracepção, inclusive com prostitutas ou com diversos parceiros. A exposição destes jovens a situações de riscos, bem como os prejuízos para sua autoimagem e autoestima estão de acordo com estudos como os de Gherpelli (1995), Maia (2001) e Pinel (1993).

Quanto às respostas sobre o histórico de doenças sexualmente transmissíveis, cabe um questionamento se essas foram de fato investigadas, tratadas e/ou esclarecidas para esses jovens, uma vez que alguns foram expostos sem a devida proteção e esse é um assunto pouco tratado junto à família e à escola.

Os questionamentos sobre masturbação também revelam pouco conhecimento sobre o assunto e uma prática ligada à vergonha e à culpa, na maioria dos relatos.

## **Conclusões**

A despeito dos avanços nos meios de comunicação e mesmo nas políticas e propostas educacionais, os resultados apontam que os jovens e adultos entrevistados sentem-se pouco informados sobre a temática da sexualidade, o que indica que a dificuldade em lidar com o assunto e os tabus relacionados ao mesmo permanecem.

As concepções apresentadas pelos entrevistados bem como o conteúdo das informações recordadas refletem a

idéia da sexualidade restrita à esfera biológica, especialmente relacionando-a a doenças. A tentativa de negação da sexualidade destes sujeitos por meio de proibições ou orientações que buscam evitar que falem do assunto ou que vivenciem experiências nessa esfera revelam concepções de familiares, professores e profissionais ainda hoje marcadas por conceitos inadequados, mitos e preconceitos quanto à sexualidade de pessoas com deficiência intelectual, o que tende a afetar também a autopercepção destes jovens e seus comportamentos nas relações afetivas e sociais.

Particularmente o fato de a escola ser pouco citada como fonte de informações sobre o assunto, aponta a demanda de investimentos em educação sexual por essa instituição.

Com base no exposto, percebemos que estes jovens apresentam desejos e buscam a vivência da sexualidade como todo ser humano. O que ocorre com estes jovens, porém, é que suas experiências tendem a ocorrer de maneira menos segura à sua saúde física e emocional, pois em função da pouca ou inexistente educação sexual e apoio, decorrente de tabus diversos e negação da sua sexualidade por parte de familiares e educadores, eles expõem-se a riscos diversos na busca de relações afetivas ou acabam por acomodar-se à condição de também negarem seus desejos, o que lhes gera angústias, inseguranças e frustrações diversas.

Estes resultados reiteram os dados de outras pesquisas, que há tempos enfatizam a importância da Educação Sexual para esta população (ALMEIDA, 2008; GLAT, 1989). Ressalta-se ainda a relevância de mais estudos acerca do tema, com jovens e adultos de diferentes contextos e utilizando métodos diversos, como grupos focais e observações, que poderiam ampliar alguns dos achados ainda limitados apenas por meio de entrevistas. Além disso, a implementação de estratégias de intervenção no sentido da Educação Sexual precisa incluir em suas ações tanto os jovens, quanto seus familiares, professores e todos os demais profissionais das escolas ou instituições envolvidas.

## Nota

1 Os nomes são fictícios e os relatos literais.

## Referências

- ALMEIDA, T. Loucos de amor: o amor e a sexualidade para os autistas. In: ASSUMPTÃO JR., F.; ALMEIDA, T. de. **Sexualidade, Cinema e Deficiência**. São Paulo: Livraria Médica Paulista Editora, 2008.
- AMARAL, L. O espelho convexo: o corpo desviante no imaginário coletivo pela voz da literatura infanto-juvenil. **Tese de doutorado**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (pp. 60-75). São Paulo, 1992.
- APAE BRASIL. Federação Nacional das APAES. Disponível em: <http://www.apaebrasil.org.br/artigo.phtml?a=2>. Acessado em: 01/09/2011.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009. 279p.
- BERNARDI, M. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.
- BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.
- DENARI, F. E. O adolescente especial e a sexualidade: nem anjo, nem fera. **Tese de doutorado**. Universidade Federal de São Carlos, 1997.
- EGYPTO, A. C. **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: UEL, 1996.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FRANÇA RIBEIRO, H. C. de. Orientador sexual e deficiência mental: estudos acerca da implementação de uma programação. **Tese de doutorado**. USP: São Paulo, 1995.
- GALE, J. **O adolescente e o sexo: um guia para os pais**. São Paulo: Best Seller, 1989.
- GAUDERER, E. C. **Crianças, adolescentes e nós: questionamentos e emoções**. São Paulo: Artmed, 1987.
- GHERPELLI, M. H. B. V. **Diferente, mas não desigual - a sexualidade do deficiente mental**. São Paulo: Gente, 1995.
- GIAMI, A.; D'ALONNES, C. R. O anjo e a fera: as representações da sexualidade dos deficientes mentais pelos pais e educadores. In: D'ÁVILA NETO, M. I. (Org). **A negação da deficiência: a instituição da diversidade**. Rio de Janeiro: Achiamé/Socius, p. 27-40, 1984.
- GLAT, R. **Somos Iguais a Vocês: Depoimentos de Mulheres com Deficiência Mental**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1989.
- LIPP, M. S. **Sexo para Deficientes Mentais: sexo e excepcional dependente e não-dependente**. São Paulo: Cortez Editora, 3.ed. 1986.
- LOPEZ, F.; FUERTES, A. **Para compreender a sexualidade**. Lisboa, APF, 1999.
- MAIA, A. C. B. Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 7, n. 1, p.35-46, 2001.
- MONTOBBIO, E. El viaje del señor Down al mundo de los adultos. Masson y Fundación Catalana Síndrome de Down, Barcelona 1995. In: ALBA, A.; MORENO, F. **Discapacidad y mercado de trabajo**. Gente Interactiva, Madrid 2004. Disponível em <http://www.down21.org/revista/2004/Noviembre/Libros.htm>. Acessado em: 02/09/2011
- NUNES, L. R. O. P. et al. **Pesquisa em educação especial na Pós-Graduação**. Rio de Janeiro : Sette Letras, 1998.
- PINEL, A. C. Educação sexual de deficientes. In: RIBEIRO M. (Org.). **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1993. p. 36-47.
- PUESCHEL, S. M. (Org.). **Síndrome de down: Guia para pais e educadores**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- SILVA, M. S. da et al. Sexualidade e adolescência: é preciso vencer os tabus. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**, 2, 12 a 15 de setembro de 2004, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2004.
- TRAVASSOS- RODRIGUES, F. T. **A família e o bebê com Síndrome de Down**. 2006. Disponível em: <http://www.portal-sindromededown.com/orientacoespais.php>. Acessado em: 25/11/2010.
- WAIDEMAN, M. C. **Adolescência – Sexualidade – Aids. Na família e no espaço escolar contemporâneo**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

Data de recebimento 15/06/2014

Data de aprovação 27/07/2014

Data de aprovação 29/08/2014

